

Dificuldades para montar programa econômico que será negociado com o FMI

por Claudia Safatle
de Brasília

A equipe do ministro Marcílio Marques Moreira está encontrando enormes dificuldades para montar um programa econômico — traduzido em metas quantitativas trimestrais — calcado numa trajetória inflacionária decrescente, para ser negociado no âmbito de um acordo com o Fundo Monetário Internacional (FMI). Um dos principais assessores do Ministério da Economia, que participa do grupo negociador com o Fundo Monetário, disse a este jornal que a intenção do governo é montar um acordo "stand-by" centrado, mais, num cronograma de medidas a serem tomadas ao longo dos próximos meses, e menos em metas trimestrais rigorosas, para as contas públicas, crédito interno líquido (um critério de performance do FMI que considera a evolução dos agregados monetários e variação das reservas cambiais) e nível de endividamento externo.

Traçar metas quantitativas não é o problema. O que dificulta a tarefa dos técnicos oficiais é montar um programa econômico que possa ser efetivamente cumprido, o que representará um compromisso do ministro da Economia, Marcílio Marques Moreira, por quem o Departamento do Tesouro norte-americano e a direção do FMI demonstraram "boa vontade" para chegar a um entendimento.

O ministro pediu flexibilidade e tempo ao FMI. A direção desse organismo está disposta a ajudar Marcílio Marques Moreira. Mas, para isso, é preciso um programa de política econômica com metas e objetivos claros e as providências que o governo tomará para atingi-los.

Apesar de o ministro da Economia ter apoio do governo norte-americano para reintegrar o País ao mercado financeiro internacional — e o acordo com o Fundo é a porta de entrada desse processo —, a negociação pode não ser tão fácil nem tão rápida quanto gostaria a equipe econômica. Flexibilidade do FMI para um programa de ajuste da economia brasileira não pode significar leniência. "Afinal, está em jogo a própria credibilidade do FMI", lembra um dos técnicos do Fundo que compõe

a missão negociadora que está em Brasília.

"Nós não temos condições de nos comprometermos com uma determinada taxa de inflação, uma meta para o déficit público. Não temos critérios científicos para isso", assinalou uma fonte oficial que participa da negociação. "Já deu errado tantas vezes e continuará dando", reforçou a fonte, recordando que os acordos anteriores entre o governo brasileiro e o FMI resultaram em experiência fracassada em razão de estabelecer metas extremamente rigorosas para as políticas econômicas, impossíveis de serem cumpridas pelo governo.